



Pesquisa de campo com mídias digitais: desafios para a imaginação sociológica em tempos de pandemia

Felipe Padilha¹
Lara Facioli²

Resumo: Considerando o impacto da pandemia da síndrome respiratória aguda grave por coronavírus (SARS-CoV-2) sobre a pesquisa de campo, neste breve ensaio, buscaremos apresentar e discutir algumas questões e impasses que envolvem a transposição de desenhos de investigação para campos digitalmente mediados. Buscaremos refletir sobre como as Ciências Sociais, em especial a Sociologia, podem mobilizar o digital como recurso, como campo ou como ferramenta para a coleta de dados, oferecendo respostas criativas a determinadas situações críticas que afetam o trabalho de campo. Ao final, destacamos algumas questões éticas que se apresentam diante das especificidades de campos mediados pela tecnologia.

Palavras-chave: Pesquisa de Campo com Mídias Digitais. Pandemia (COVID-19). Ética em Pesquisa; Imaginação Sociológica.

Fieldwork with digital media: challenges for sociological imagination in pandemic times

Abstract: Considering the impact of the severe acute respiratory syndrome coronavirus (SARS-CoV-2) pandemic on field research, in this short essay, we are going to present and discuss some issues and impasses that involve the transposition of research designs to digitally mediated fields. We are going to reflect on how the Social Sciences, especially Sociology, can mobilize the digital as a resource, as a field or as a tool for data collection, offering creative responses to certain critical situations that affect fieldwork. At the end, we highlight some ethical issues that arise in face of the specificities of fields mediated by technology.

Keywords: Field Research with Digital Media. Pandemic (COVID-19). Research Ethics. Sociological Imagination.

¹ Professor Substituto do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5511-7252>. E-mail: felipeapa@yahoo.com.br.

² Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-9631>. E-mail: larafacioli@yahoo.com.br.



1. Introdução

O processo de transposição de parte significativa das interações cotidianas para formas mediadas pelas tecnologias digitais ganhou expressividade em meio às dinâmicas organizacionais adotadas em resposta à pandemia da síndrome respiratória aguda grave por coronavírus (SARS-CoV-2). Em termos de pesquisa, as interdições em torno das interações presenciais impulsionaram parte significativa dos projetos rumo a adequação de técnicas de coleta de dados para contextos mediados. Em especial, essas mudanças se fizeram notáveis nas abordagens qualitativas, como as de inspiração etnográfica, apoiadas em técnicas como entrevistas e observação participante. De certo modo, a pandemia nos lembrou que processos de pesquisa não ocorrem isolados das relações cotidianas, das circunstâncias políticas, nem dos desafios epidemiológicos que enfrentamos.

As mídias digitais oferecem ao mesmo tempo um escopo epistemológico, teórico e metodológico para a pesquisa social (cf. WALTON, 2018, p. 116). Chamamos de “campo de pesquisa” o conjunto de procedimentos empíricos mobilizados na obtenção dos indicadores a partir dos quais a investigação tecerá suas análises. Desde fins da década de 1990, o debate acadêmico entre Sociologia e Antropologia em torno das mídias digitais tem se expandido, resultando numa literatura diversificada em termos de abordagens e orientações teórico-metodológicas³. Resultado de um intenso trabalho de pesquisa empírica, a pesquisa de campo com mídias digitais colocou em perspectiva diferentes dimensões relacionadas com a tecnologia, contribuindo para ampliar as complexidades envolvidas no estudo de práticas sociais digitalmente mediadas.

Suely Deslandes e Tiago Coutinho (2021, p. 2) observam que “as interdições de contato presencial durante e pós-pandemia podem fazer com que as metodologias digitais se tornem uma necessidade para a pesquisa social”. É provável que a suspensão de parte significativa das interações face a face tenha favorecido a digitalização das pesquisas, direcionando os interesses para campos de estudo recém consolidados, como é o caso da Sociologia Digital e da Antropologia Digital.

Considerando as relações entre a pandemia e a pesquisa de campo, neste breve ensaio, construído em comemoração ao aniversário da Revista *Áskesis*, buscaremos apresentar e discutir algumas questões e impasses que envolvem a transposição de desenhos de investigação para campos digitalmente mediados. Como pano de fundo das reflexões apresentadas a seguir, consideramos que a Sociologia Digital compõe importante quadro analítico para lidar com dimensões contemporâneas de conexão constante, de forma que ponderar acerca de processos políticos e democráticos, da relação

³Para um balanço provisório das produções no campo da Sociologia Digital ver: MISKOLCI e BALEIRO, 2018.



entre ciência e sociedade deve envolver, fundamentalmente, para a Sociologia, atenção redobrada à maneira como interagimos com as mídias digitais. Nesse sentido, é avultoso examinar diálogos teóricos e ferramentas possibilidades metodológicas para pesquisa empírica atravessada pelo digital.

Para tanto, buscaremos refletir sobre como as Ciências Sociais, em especial a Sociologia, podem mobilizar o digital como recurso, como campo ou como ferramenta para a coleta de dados, oferecendo respostas criativas a determinadas situações críticas que afetam o trabalho de campo. Ao final, discutimos algumas implicações éticas para a pesquisa, levando em consideração as especificidades dos campos mediados pela tecnologia.

2. O período pandêmico e os campos digitalmente mediados

Ainda que se possa argumentar que as mídias digitais se constituíram como fenômeno sociotécnico relevante para a pesquisa sociológica ao longo das duas décadas que antecederam à pandemia, foi no contexto do seu agravamento que a internet passou a ser incentivada como meio predominante para as interações em escala nunca antes vista. Pequenas atividades comerciais, serviços e outras transações informais, antes ausentes da rede, ganharam uma interface digital visando à manutenção das atividades. A expansão do uso da internet como recurso comunicacional foi mediada por entendimentos consolidados a partir de discursos e objetivos epidemiológicos, tecnológicos, governamentais e até mesmo institucionais e corporativos/comerciais.

Em contrapartida/ No entanto/ Todavia, a expansiva digitalização das atividades alimentou medos e ansiedades sociais, muitos dos quais decorrentes do agravamento da desigualdade social e econômica, projetada sob um contexto de acirramento da crise política. Ao fim e ao cabo, o acesso à internet se converteu em pressuposto para o acesso a serviços básicos, tanto públicos quanto privados. Aplicativos e sites consolidaram-se como os principais canais de acesso a políticas públicas como, por exemplo, o Auxílio Emergencial, um dos poucos programas assistenciais implementados pelo governo para mitigar os efeitos da emergência sanitária.

De modo semelhante, a internet foi mobilizada como eixo estruturante das políticas educacionais, sendo usada como meio de comunicação predominante para a manutenção de parte significativa das atividades de ensino. Pouco foi dito a respeito do acesso à infraestrutura da rede ou a inexistência de dispositivos necessários para conexão, o que resultou na digitalização de desigualdades preexistentes.

As maneiras como nos relacionamos com a tecnologia são condicionadas e experimentadas de modos distintos tanto em nível coletivo quanto individual e, por isso, estão longe de serem homogêneas ou uniformes. Para nós, sociólogos e sociólogas, não é suficiente saber quantas pessoas usam a



tecnologia. Interessa-nos saber como elas usam, em que contexto esse uso se dá, guiado por quais propósitos e interesses, visando quais finalidades.

O acesso a tecnologia não se reduz às condições econômicas para a aquisição de um dispositivo e para a contratação de uma operadora de telefonia e internet. Usar uma rede social, por exemplo, pressupõe algum domínio da leitura e da escrita, além de uma localidade cuja infraestrutura esteja disponível para a conexão. Da mesma forma, é necessário compreender, minimamente, os códigos e dinâmicas comunicacionais adotadas no interior de uma determinada plataforma. Podemos mencionar como exemplo, regiões de zonas rurais ou mesmo aquelas afastadas dos grandes centros urbanos que, em geral, dispõem de uma infraestrutura precária, que resulta em conexões intermitentes ou com baixa capacidade.

Janet Kraynak (2020, p.1) lembra-nos que habitar um mundo digital implica no reconhecimento de que a “digitalização não se resume a uma tecnologia, confinada ao *hardware* ou *software* do computador, mas representa uma ideologia operativa, uma força poderosa e transformadora da própria vida cotidiana”⁴. Para esta historiadora da arte, a aceitação tácita do digital como mediador das relações interpessoais e interinstitucionais se traduz na exigência por novas formas de capital social relacionadas ao domínio da tecnologia, gerando, em contrapartida, novos eixos de produção de desigualdades e novas formas de exclusão.

Nas universidades brasileiras, a despeito dos notáveis esforços institucionais e do corpo docente para dar continuidade às atividades de ensino, pesquisa e extensão em meio às interdições, a crise de saúde evidenciou a necessidade de avanços no que se refere à inserção de tecnologias nos processos educacionais (LIMEIRA et al., 2020). De acordo com a pesquisa TIC Domicílios, promovida pelo Comitê Gestor da Internet, no ano de 2020, os indicadores de acesso à internet apresentaram o maior crescimento dos 16 anos da série histórica. O levantamento também revelou que, no mesmo ano, o país chegou a 152 milhões de usuários - um aumento de 7% em relação a 2019. Com isso, tem-se que 81% da população com mais de 10 anos possui acesso à internet em casa. Em contrapartida, quase 20% da população brasileira não tem acesso à internet (NIC.br, 2021). A digitalização acelerada pela pandemia e como ela transformou as relações e outros processos sociais - como os educacionais e de pesquisa - ainda é questão passível de compreensão aprofundada pela teoria social, porém podemos afirmar que tais transformações indicam caminhos a serem desbravados por investigações futuras.

A expansão da conexão de alta velocidade e a explosão no consumo de *smartphones* forneceram as bases para mudanças cotidianas e estruturais. Aprendemos a conviver e a nos relacionar com um arsenal quase imperceptível

⁴ Tradução nossa. No original: “[...] digitization is not a technology, confined to the hardware or software of the computer, but represents an operative ideology, a powerful, and a transformative force of everyday life itself”.



de câmeras de monitoramento; mantemos contas em plataformas e sites; marcamos nossos amigos em redes sociais; trocamos curtidas; mobilizamos *hashtags*; usamos mapas digitais que interagem com o espaço físico; deixamos pistas digitais que confirmam nossa presença em lugares específicos; aceitamos ou rejeitamos pedidos de amizade e bloqueamos pessoas. A midiaticização das relações tem expandido e reinscrito nossas noções a respeito de estarmos juntos ou separados, nossas expectativas, nossos comportamentos, nossa expressão emocional e nossa performance - incluindo a maneira como falamos e nos expressamos e, em última análise, a maneira como entendemos e conferimos sentido ao mundo. Ela tem modificado até mesmo os critérios a partir dos quais estabelecemos juízos sobre comportamentos individuais e coletivos (COULDRY; HEPP, 2017).

Para as novas gerações de pesquisadores e pesquisadoras familiarizados com a internet, a interligação entre os usos das mídias digitais e diferentes práticas cotidianas pode ter facilitado a incorporação dessas mídias ao processo de pesquisa. Para pesquisadores e pesquisadoras mais experientes, experimentos bem-sucedidos na realização de observação participante, grupos focais, entrevistas e conversas - antes predominantemente realizadas em contextos face a face - por meio de aplicativos de trocas de mensagens e serviços de redes sociais, podem contribuir para desmistificar a adoção da tecnologia como recurso de pesquisa, suscitando reflexões teórico-metodológicas à luz de outros contextos.

Se por um lado, a adoção das tecnologias tem contribuído para romper com estereótipos negativos, consolidando as mídias digitais como um instrumento profícuo para o trabalho de pesquisa em abordagens qualitativas, por outro lado, a legitimação desses mesmos instrumentos enquanto recursos de pesquisa ainda suscita questões pertinentes. Em outras palavras, a aceitação cada vez mais tácita da tecnologia no processo de pesquisa também se relaciona com a imaginação sociológica.

A socióloga Saskia Sassen (2002, p. 366) argumenta que “não existe economia puramente digital nem empresa ou comunidade completamente virtual. Isso significa que poder, contestação, desigualdade, hierarquia, se inscrevem no espaço eletrônico e moldam a produção de *softwares*”⁵. Embora reconheça que as tecnologias possam de fato ser constitutivas de novas dinâmicas sociais, Sassen considera que elas também podem derivar ou simplesmente reproduzir relações anteriores. Sendo assim, sublinha a autora, o esforço de lidar com as mídias digitais demanda a produção de categorias com capacidade para capturar elementos que, com frequência, são concebidos como atributos contraditórios ou mutuamente exclusivos. Dito de outro modo, as complexas interações entre tecnologia e vida social desafiam

⁵ Tradução nossa. No original: “There is no purely digital economy and no completely virtual corporation or community. This means that power, contestation, inequality, hierarchy, inscribe electronic space and shape the production of software” (SASSEN, 2002, p. 366).



as proposições convencionais a respeito da separação entre público e privado, *online* e *offline*, além de alterar as noções de hierarquia e escala.

O digital remonta a um conjunto de transformações sociotécnicas que vem se delineando pelo menos desde a segunda metade do século XX, produzidas nas articulações entre transformações sociopolíticas, mudanças culturais e subjetivas, alinhadas ao campo das inovações tecnológicas. De uma perspectiva sociológica, o digital não corresponde a uma entidade fixa ou a um conjunto de comandos encarnados num dispositivo tecnológico, mas refere-se a práticas sociais produzidas com a tecnologia e que ganham contornos específicos de acordo com o contexto em tela. Dessa perspectiva, predomina uma abordagem dos aspectos sociotécnicos, isto é, das características sociais e tecnológicas constitutivas do digital enquanto fenômeno, e que são fundamentais para o entendimento a respeito de como interações e relações sociais mediadas têm se tornado predominantes.

Problemas políticos e epistemológicos costumam propor desafios convidativos à imaginação sociológica. Pensar o papel da Sociologia em períodos assim passa por uma avaliação do ambiente social no qual estamos inseridos; por uma distinção entre problemas públicos e privados e pelo entendimento sobre como se dão as interações entre as instituições e o comportamento individual e coletivo. Nesse sentido, autores como Lorenzo Viviani (2020, p. 284) têm chamado a atenção sobre como as mudanças recentes têm nos levado a questionar se e como a crise pandêmica é capaz de renovar a definição das “problemáticas sociais”. Acompanhando a formulação de Wright Mills (1972), para quem a imaginação sociológica não é outra coisa senão a capacidade de refletir sobre si mesmo, livre dos hábitos familiares da vida cotidiana, a fim de olhar a realidade com outros olhos, Viviani busca incentivar jovens pesquisadores e pesquisadoras a se apropriarem da vocação da sociologia para a leitura das mudanças sociais, especialmente, aquelas produzidas em tempos de crise.

Entre as diversas contribuições que a Sociologia Digital tem a oferecer para a pesquisa de campo com mídias digitais, encontram-se proposições teórico-metodológicas empiricamente orientadas, com capacidade para analisar como tecnologias e práticas sociais se articulam a processos de mudança. Nossos telefones inteligentes resultam de decisões e escolhas políticas que, com frequência, estão vinculados a formas contemporâneas de exploração que se reproduzem com base em interesses geopolíticos e econômicos.

A construção de uma representação social da pandemia passou pelo uso mais ou menos consciente da expressão “distanciamento social”, também mobilizado como justificativa para a transposição das atividades cotidianas para as redes digitais. Nesse sentido, a crescente exposição às redes sociais serviu para contrapor as fronteiras espaço-temporais impostas pelas interdições de contato presencial. Entretanto, a noção de distância



social, emprestada do vocabulário biomédico, especificamente, das áreas dos estudos de virologia e de epidemiologia, ganha outra força semântica quando submetida ao ponto de vista das Ciências Sociais. Viviani (2020) argumenta que, durante a pandemia, o amplo emprego da noção de “distanciamento social” por veículos de comunicação e governos contribuiu para moldar as relações sociais, afetando a percepção de si e dos outros, com efeitos sobre os comportamentos e representações individuais e coletivas.

Para este sociólogo italiano, “distanciamento físico” e “distanciamento social” são termos que remetem a diferentes classes de fenômenos sociológicos. No primeiro caso, a distância interpessoal passa a ser mensurada em termos de espaço, enquanto, no segundo, a métrica do espaço assume uma dimensão social, na qual não é a distância física, mas a relação social que estabelece a conexão.

No Brasil, pode-se dizer que, especialmente para grupos com acesso à internet, a pandemia se caracterizou também como um contexto de intensificação da sociabilidade por meio das redes sociais, no qual as mídias digitais passaram a figurar como um recurso para contornar as interdições de contato físico. Em casos desse tipo, as interações mediadas por câmeras e microfones permitiram a criação de canais visuais capazes de recriar formas de reconhecimento e identificação. Em contrapartida, para grupos desfavorecidos, em situação de vulnerabilidade social, o digital se converteu em mais uma barreira a ser superada para garantir a própria sobrevivência.

Um exemplo ilustrativo a esse respeito pode ser encontrado nos dados sobre evasão escolar durante a pandemia. De acordo com dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2021), a evasão escolar no Brasil atinge 5 milhões de alunos. Durante a pandemia de Covid-19, esses números aumentaram em 5% entre os alunos do ensino fundamental e 10% no ensino médio. Para os que ainda estão matriculados, a dificuldade foi de acesso, com 4 milhões de estudantes sem conectividade. Já a nota técnica emitida pela entidade *Todos pela Educação*, fundamentado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021), que busca traduzir os efeitos da pandemia, mostrou que cerca de 244 mil crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos estavam fora da escola no segundo trimestre de 2020, o que representa 171% em comparação a 2019. Também no contexto do ensino superior, os problemas não estão limitados à evasão de estudantes, mas incluem dificuldades para a conexão destes. Pacotes de dados com capacidade insuficiente, a falta de ambientes adequados para o estudo e acompanhamento das aulas consistem em dificuldades enfrentadas.

Os levantamentos anteriormente mencionados revelam alguns dos marcadores que balizam a desigualdade de acesso e sinalizam as dificuldades que se impõem diante das pretensões de digitalização de diferentes processos. Ao mesmo tempo, são ilustrativos a respeito da diversidade de condições que moldam os usos. A tecnologia em si não faz coisas e não é capaz de determinar



os contextos de acesso tampouco as formas de uso. Os ecossistemas em rede, que conectam plataformas e usuários, são produzidos à luz de contextos moldados por interesses mais amplos, expressos por estruturas de poder que são locais, mas também internacionais (SASSEN, 2002).

Contextos de investigação mediados pela tecnologia se entrelaçam com múltiplos objetos de pesquisa e eixos de análise, interconectando de maneira transversal diferentes áreas de produção de conhecimento. Nesse sentido, a internet pode ser compreendida como um recurso complementar para a pesquisa e, ao mesmo tempo, estruturante do campo e das relações pesquisadas.

Entre outras especificidades, a pesquisa de campo mediada demanda um olhar atento sobre o papel desempenhado pelas infraestruturas digitais na formação das interações sociais. No caso de campos construídos parcial ou inteiramente mediados por serviços de redes sociais, como Twitter, Facebook e Instagram, a arquitetura da plataforma, ou seja, o *design* da interface e os recursos por ela disponibilizados, pode afetar tanto a logística da pesquisa quanto às estratégias mobilizadas para responder a questão estabelecida. Em comum, diferentes serviços de redes sociais colocam à disposição do usuário um conjunto básico de recursos destinados à produção de um perfil online, a partir do qual espera-se que o usuário passe a interagir com outros no interior de uma arquitetura digital (boyd, 2014; LUPTON, 2015).

Cada plataforma oferece ao usuário uma interface configurada em torno de entendimentos que conferem sentido a produtos e atividades específicas. A mercadoria *online* não se limita àquilo que é vendido, mas inclui também as informações sobre o item e seus consumidores (LUPTON, 2015, p. 10). Conforme Richard Miskolci (MISKOLCI, 2021, p. 41), “vendidos como serviços, tais redes sociais *online* tentam se apresentar ocultando ao máximo seus interesses comerciais e priorizando propagandas que lhes dão uma aura de espaço livre de interesses e exploração econômica”.

3. Algumas ferramentas de pesquisa: a entrada no campo, entrevistas e dimensões éticas

A respeito das dimensões empíricas da pesquisa conectada, podemos mencionar que as abordagens etnográficas discutem a “entrada no campo” como um conjunto complexo de processos e negociações que envolvem alguma dose de criatividade e, muitas vezes, alguém familiarizado com o contexto local e disposto a colaborar com a nossa entrada nesse universo. A internet produz a falsa impressão de que esse processo poderia ser facilitado mediante um “clique”, por meio da produção de uma conta em uma plataforma na qual estão as pessoas que se quer encontrar. Além disso, a arquitetura da rede pode complexificar os níveis de participação e de integração do pesquisador às interações estudadas.



No que se refere a campos inteiro ou parcialmente construídos a partir de serviços de redes sociais digitais⁶, a possibilidade de ingressar em uma determinada rede sem ser visto é particularmente reveladora a respeito dos atuais dilemas éticos conformados em torno da privacidade na internet. A infraestrutura da plataforma molda os encontros em campo à medida que estabelece as condições para a experiência do contato entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa.

Os lemas adotados por cada plataforma oferecem bons exemplos de como serviços de redes sociais sugerem uma atuação discursiva a seus participantes, incentivando uma performance individual. O mote adotado pelo Facebook, “o que está pensando”, busca acionar impulsos relacionais, sob a forma comentários, curtidas e outras reações, convertendo-os em interações. Com base em *hashtags* que formam um retrato do “que está acontecendo no mundo nesse momento”, o Twitter pretende operar como um sensor das tendências e tópicos de debate em ascensão. Já o YouTube interpela os sujeitos a produzirem e transmitirem o próprio conteúdo, a partir da sugestão: “transmita você mesmo”. Marcado pelo forte apelo visual, o Instagram busca “captar e compartilhar os momentos do mundo” enquanto o Tik Tok, adaptado aos padrões de velocidade da publicidade digital, recomenda: “não faça anúncios, faça Tik Toks”. A popularidade de cada usuário traduz-se em números de visualizações, curtidas e compartilhamentos que, na rede, se convertem em capital social, conferindo o status de influenciador digital a quem for capaz de acumular uma robusta carteira de clientes. Além disso, num contexto de mercado, cada plataforma tende a rapidamente incorporar recursos bem-sucedidos a partir da experiência da concorrência.

Num contexto de conectividade (VAN DIJCK, 2016), as plataformas moldam tanto as interações que estabelecemos com nossos interlocutores de pesquisa, quanto às interações que eles estabelecem entre si⁷. Essa nova dinâmica relacional afeta as noções convencionais sobre a entrada no campo de pesquisa e, ao mesmo tempo, traz novas questões em torno da negociação e do consentimento para a realização do trabalho. Além do mais, campos parcial ou inteiramente mediados tendem a proporcionar um tipo de contato intensivo e constante entre o pesquisador e os sujeitos incluídos na pesquisa. Serviços de redes sociais favorecem uma profusão de interações sincrônicas e assíncrônicas que tensionam a noção convencional da ida a campo. O processo de aproximação, contato, negociação, familiarização e imersão, assim como as negociações em torno das técnicas de obtenção e registro das informações

⁶ Empregamos o termo “serviços de redes sociais digitais” para sublinhar características comerciais de plataformas digitais que, com base em perfis individuais, estruturam públicos em dinâmicas interativas produzidas em rede.

⁷ José van Dijck (2015) explica que, na internet, o social pode ser constituído tanto a partir de conexões realizadas por usuários como pode ser mediada pela conectividade automatizada (cf. p. 30), isto é, através da algoritmos que permitem identificar tendências de comportamentos. A conectividade pode ser entendida como produto da junção entre usos, conteúdos e negócios num contexto sociotécnico de mercantilização da informação, a partir das relações entre usuários.



ganham outros contornos a partir das redes.

Online, as entrevistas podem se transformar, por exemplo, em conversas de acompanhamento (FACIOLI, 2017), cujo início e término não dispõem de horário marcado e final previsto. Entrevistas podem ser realizadas por videoconferência, audioconferência ou troca de mensagens instantâneas de modo síncrono ou assíncrono, isto é, sem a interação simultânea, mobilizando diferentes recursos, tais como *e-mails*, mensagens de áudio trocadas por aplicativos de mensagens, fóruns de discussão ou salas de bate-papo. No entanto, independentemente da plataforma ou da modalidade de contato adotada, para que o pesquisador ou a pesquisadora possa assegurar e garantir a

[...] qualidade, efetividade e privacidade nas entrevistas *online*, são necessários alguns pré-requisitos, tais como: confiabilidade e segurança da rede de Internet e dos equipamentos (celular, computador, câmera, microfone e fone de ouvido), além de ambiente privativo e silencioso, em que seja possível assegurar o mínimo de interrupções, o que vale tanto para o pesquisador quanto para o participante (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020, p. 964).

Há uma dimensão criativa na busca por combinar métodos, técnicas e estratégias de investigação de maneiras até então pouco convencionais para responder perguntas específicas ou para contornar limitações, como as que foram impostas pela pandemia em torno do contato face a face. Esse caráter experimental da pesquisa tem se constituído um traço marcante nas investigações que envolvem mídias digitais, revelando novas formas de escrita, de descrição e o teste de novas técnicas e métodos de coleta de dados, que evidenciam a dimensão do artesanato intelectual, característica da pesquisa social.

Também convém destacar que o campo de pesquisa pode ser entendido como possuidor de múltiplas faces e materialidades, que podem inclusive ocorrer em lugares distintos. Nesse sentido, consideramos proveitosa a formulação oferecida por Peter Spink a respeito do campo-tema, entendido como um complexo de redes de sentido que se interconectam formando “um espaço criado [...] herdado ou incorporado pelo pesquisador ou pesquisadora e negociado, na medida em que este busca se inserir nas suas teias de ação” (SPINK, 2003, p. 28).

As estratégias mobilizadas por cada investigação resultam da junção entre a questão de pesquisa a ser respondida e as técnicas passíveis de serem empregadas de acordo com as características particulares de cada plataforma, dos dispositivos de acesso e dos contextos de uso. Além da infraestrutura, questões legais também podem eventualmente abrir ou restringir as condições da pesquisa empírica, definindo as propriedades do campo, ou ainda, eventualmente, convertê-las no próprio objeto de estudo⁸. Tanto

⁸ Para um exemplo sobre os impedimentos legais podem afetar o trabalho de pesquisa de campo ver a análise de Iana Alvarez (2017) a respeito do aplicativo Lulu. Lançado em 2013 e operando a partir



quanto for possível, devemos buscar conhecer a infraestrutura da plataforma estudada, o que implica em compreender aspectos técnicos, legais, a história de seu desenvolvimento, assim como as demandas que podem conduzir a transformações e adequações em sua arquitetura.

O trabalho de campo tem muito a ganhar incorporando métodos e técnicas de pesquisa à luz do digital. Não se trata de descobrir uma nova metodologia ou um modelo de pesquisa capaz de solucionar todos os problemas a partir da tecnologia, mas de reconhecer que a digitalização tem, cada vez mais, desafiado nossas presunções sobre as relações entre tecnologia e vida social. Além disso, boas combinações experimentais podem inspirar desenhos de pesquisa mais colaborativos e interativos, promovendo um contexto mais favorável à interlocução entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa (STATELLA, 2020).

Em muitos campos, a internet opera essencialmente como recurso para a comunicação ou para a partilha dos resultados alcançados pela pesquisa. Mesmo em casos desse tipo, a presença dos *smartphones* e da internet altera os modos de comunicação entre quem realiza e quem colabora com a pesquisa. No entanto, especificamente no caso de campos construídos a partir de serviços de redes sociais, quando comparada com o modo tradicional de escrita e registro das informações e observações, a pesquisa mediada reposiciona o lugar da observação possibilitando um tipo de acompanhamento contínuo e em tempo real. Em outras palavras, ao deslocar as posições de quem observa e de quem é observado, os campos mediados exigem reflexões a respeito dos princípios éticos que orientam boas práticas de pesquisa e, conseqüentemente, devem nortear a tomada de decisões por parte de pesquisadores no interior de processos e contextos investigativos específicos.

As orientações expressas nas cartas da Associação Internacional de Sociologia (ISA), da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) preconizam a confidencialidade das informações e o anonimato dos sujeitos de pesquisa como princípios éticos fundamentais e norteadores das práticas de pesquisa em Ciências Sociais. Do mesmo modo, desde 2002, as diretrizes éticas relativas à pesquisa na internet discutem explicitamente a necessidade de garantir o anonimato e a confidencialidade dos autores dos textos utilizados - incluindo postagens, fotografias e imagens de perfis mantidos em redes sociais digitais -, endossando a necessidade de preservar a privacidade dos sujeitos envolvidos no estudo (AoIR, 2002; 2012; 2020).

Consideramos que a negociação do consentimento para a realização de acompanhamento e observação sistemática das atividades de perfis em redes sociais *online* e *blogs* na internet deve obedecer o mesmo protocolo que rege a negociação do consentimento informado para a obtenção de entrevistas.

de informações extraídas do Facebook, este aplicativo multiplataformas permitia que mulheres realizassem a avaliação do desempenho de homens e que publicassem os resultados na rede. Após uma série de disputas judiciais, o uso do aplicativo foi proibido sob o argumento de violação de privacidade.



Desse modo, quer seja dentro ou fora da rede, as condições da pesquisa devem sempre ser negociadas com os sujeitos com os quais estabelecemos interlocuções e que, informados das condições do trabalho, poderão ou não consentir o acompanhamento de suas publicações. É dever do pesquisador ou da pesquisadora zelar pelo direito à privacidade dos sujeitos envolvidos em qualquer pesquisa, sendo dele ou dela a responsabilidade por todas as informações tornadas públicas em seu trabalho.

Qualquer estudo deve considerar as vulnerabilidades presentes nos assuntos que se propõe a tratar. Entretanto, no caso da pesquisa de campo, marcada pela convivência próxima entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, algumas vulnerabilidades podem se ocultar por trás ou mesmo no interior de descrições e representações aparentemente impessoais. Por todas as características elencadas, a pesquisa com mídias digitais exige que se estabeleça uma postura de “reflexividade ética” durante todo o processo de pesquisa (MARKHAM e BUCHANAN, 2012), levando em consideração inclusive eventuais prejuízos futuros que possam ser causados aos participantes do estudo.

A análise de fotografias, textos, imagens, interações ou outros tipos de informações pessoais produzidas e compartilhadas *online* em plataformas de comunicação em rede, que não se constituem de maneira inteiramente pública nem totalmente privada, desafia a criatividade em termos de escrita e de construção da pesquisa. A exposição de dados sensíveis no trabalho deve levar em consideração que a pesquisa acadêmica resulta num documento atemporal. Recursos como a descrição densa do campo, das dinâmicas das plataformas, dos perfis dos sujeitos, sem mencionar a literalidade das falas, são exemplos de como impedir que o conteúdo se torne prontamente localizável na rede. Outras saídas engenhosas podem substituir a utilização do *print screen* e a reprodução literal de imagens, mesmo quando constituem o objeto de análise. Um exemplo a este respeito pode ser encontrado no trabalho de Gleiton Bonfante (2016) que, ao analisar aplicativos de busca de parceiros para homens gays, reproduziu os perfis dos interlocutores a partir de desenhos feitos a mão, de forma a ocultar, o máximo possível, suas informações, garantindo preservação da privacidade dos sujeitos.

Embora a dimensão ética da pesquisa mediada se insira em um debate mais amplo do que foi abordado neste ensaio, as questões apresentadas tornam-se urgentes para o atual contexto na medida em que se inscrevem entre as problemáticas resultantes do deslocamento de parte significativa das pesquisas para campos conectados. Entender as interações que ganham sentido à luz de arranjos sociotécnicos pressupõe percorrer os fluxos de sujeitos pela rede, percebendo como usos e conteúdos adquirem sentido sob determinados contextos. Além do estatuto convencionalmente atribuído ao campo, as mídias digitais afetam as etapas logísticas da pesquisa, assim como as técnicas e procedimentos metodológicos empregados em diferentes



momentos do trabalho. Longe de serem neutros, esses arranjos devem ser percebidos como produtos da articulação entre interesses sociais, culturais, econômicos, institucionais, políticos e tecnológicos que, de diferentes maneiras, vinculam local e global.

Os desafios colocados para a imaginação sociológica dependem da nossa capacidade de renovar as dimensões epistemológicas, técnicas e metodológicas consolidadas nas Ciências Sociais, encarando com seriedade os processos e as transformações em curso e que foram inauguradas pelas chamadas “novas mídias” e que, convenhamos, já nem são tão novas assim.

Referências bibliográficas

Associação Brasileira de Antropologia. **Código de ética do antropólogo e da antropóloga**. 2012. Disponível em: <<http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>>. Acesso em 09 Fev. 2022.

Association of Internet Researchers (AoIR). **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0**. 2020. Disponível em: <<https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>>. Acesso em 9 Fev. 2022.

Association of Internet Researchers (AoIR). **Ethical decision-making and internet research: Recommendations from the AoIR ethics working committee**. 2002. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics.pdf>>. Acesso em 9 Fev. 2022.

Association of Internet Researchers (AoIR). **Ethical decision-making and internet research**. 2012. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>. Acesso em 9 Fev. 2022.

ALVAREZ, Iana Lopes. Eles na pele delas: dilemas acerca do aplicativo Lulu. **Revista Florestan**. v. 4, n. 6, p. 49-69, 2017. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/179/01-03_dossi%C3%AA#>. Acesso em 9 Fev. 2022.

boyd, danah. **It's complicated: The social lives of networked teens**. London: Yale University Press, 2014.

BONFANTE, Gleiton M. **Erótica dos signos nos aplicativos de pegação: processos multissemióticos em performances íntimo-espetaculares de si**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**.



London: Polity, 2017.

DESLANDES, Suely; COUTINHO, Tiago. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v.36, n.11, 2020.

ESTALELLA, Adolfo; CRIADO, Tomás Sánchez. Acompañantes epistémicos: la invención de la colaboración etnográfica. In: VEINGUER, A. L.; DIETZ, G. (Orgs.), **Investigaciones en movimiento: etnografías colaborativas, feministas y decoloniales**, Buenos Aires: CLACSO, 2020, p.145-179.

International Sociological Association. **Código Ético**. 2012. Disponível em: <<https://www.isa-sociology.org/es/sobre-isa/codigo-etico-440>>. Acesso em 09 Fev. 2022.

KRAYNAK, Janet. **Contemporary Art and the Digitization of Everyday Life**. Oakland: University of California Press, 2020.

LIMEIRA, George Nunes; BATISTA, Maria Elenice Peixoto; BEZERRA; Janete de Souza. Desafios da utilização das novas tecnologias no ensino superior frente à pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, e2219108415, 2020. Disponível em: <DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i10.8415>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. Londres: Routledge, 2015.

MARKHAM, Annette. BUCHANAN, Elizabeth. **Ethical decision-making and internet research recommendations from the AOIR Ethics Working Committee** (Version 2.0). 2012. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-mediatizada**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 132-156, jan./abr.2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20336/rbs.237>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

NÚCLEO de Informação e Coordenação do Ponto BR. **Educação e tecnologias**



digitais: desafios e estratégias para a continuidade da aprendizagem em tempos de COVID-19. 1. ed., São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/publicacao/educacao-e-tecnologias-digitais-desafios-e-estrategias-para-a-continuidade-da-aprendizagem-em-tempos-de-covid-19/>>. Acesso em:

SASSEN, Saskia. Towards a Sociology of Information Technology. **Current Sociology**, v. 50, n. 3, Maio 2002, p. 365-388.

Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0011392102050003005>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família**, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, v. 8, n. 4, p. 960-966, 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=497966365017>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

Sociedade Brasileira de Sociologia. **Código de ética**. 2019. Disponível em: <<https://www.sbsociologia.com.br/a-sociedade/codigo-de-etica/>>. Acesso em 09 Fev. 2022

SPINK, Peter Kevin. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota Técnica:** Taxas de Atendimento Escolar. Dez. 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/nota-tecnica-taxas-de-atendimento-escolar.pdf?utm_source=site&utm_id=nota>. Acesso em 9 Fev. 2021.

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a infância. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil:** Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação. Brasília (DF): Escritório da Representação do UNICEF no Brasil; Abril - 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

VIVIANI, Lorenzo. Oltre la pandemia: l'immaginazione sociologica alla prova del nostro tempo. Società Mutamento Politica - **Rivista Italiana di Sociologia**, v. 11, n. 21, Julho, 2020, p. 281-295. Disponível em: <<https://doi.org/10.13128/smp-11968>>. Acesso em: 9 Fev. 2022.

WALTON, Shireen. Remote ethnography, virtual presence: exploring digital-



visual methods for anthropological research on the web. In: COSTA, Cristina; CONDIE, Jenna (Orgs.). **Doing Research In and On the Digital Research Methods across Fields of Enquiry**. Londres: Routledge, 2018, p. 116-133.

Como citar este ensaio:

PADILHA, Felipe; FACIOLI, Lara. Pesquisa de campo com mídias digitais: desafios para a imaginação sociológica em tempos de pandemia. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 11, n. Edição especial, p. 107-122, dezembro, 2022.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/11EE22.788>

Data de submissão do ensaio: 09/02/2022

Data da decisão editorial: 07/12/2022